

**HISTÓRIA(S) E
(IN)VISIBILIDADE(S) NEGRAS:
POTÊNCIA DA ARTE**

**BLACK HISTORIES AND
(IN)VISIBILITIES: THE POWER OF ART**

Lúcia Jacinta da Silva Backes

Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE/RS). Novo Hamburgo/RS, Brasil.
Contato: luciajacintabackes@gmail.com

Resumo: O artigo discute o racismo a partir das lentes da arte, entendendo-a como possibilidade de reflexão sobre lembranças de escola em articulação com o ensino e a aprendizagem da história do Brasil no que tange à história do povo negro. Em meio às lembranças, surgem imagens que possibilitam (re)ver e (re)pensar fatos e experiências semelhantes e perceptíveis com as de outras pessoas negras de diferentes gêneros. Histórias por vezes ocultadas e retratadas com estereótipos que inferiorizam negras e negros, consideradas legítimas, pois comprovadas "cientificamente". A reflexão se dá a partir da letra da composição musical "Cota não é esmola", de Bia Ferreira, cuja construção analítica tem como referências estudos que discutem questões raciais, como os de Lília Schwarcz, Chimamanda Ngozi Adiche, Silvio Luiz de Almeida, Florestan Fernandes, entre outras contribuições de cunho poético-literárias. O texto sinaliza, ainda, para a potência da combinação entre política pública e a força da arte.

Palavras-chave: Racismo. Arte musical. Memória e História.

Abstract: The article discusses racism through the lens of art, understanding it as a possibility of reflection on school memories in connection with the teaching and learning of the history of Brazil regarding the history of the black people. Amid the memories, images emerge and make it possible to (re)view and (re)think perceptible and similar facts and experiences to those of other black people of different genres. Histories at times hidden and portrayed as stereotypes that make black men and black women inferior, considered legitimate, since they were "scientifically" proven. The reflection is based on the lyrics of "Cota não é esmola", by Bia Ferreira, whose analytical construction is based on studies that discuss racial issues, such as those by Lília Schwarcz, Chimamanda Ngozi Adiche, Silvio Luiz de Almeida, Florestan Fernandes, and other poetical-literary contributions. The article also points to the power of the combination of public policy and the strength of art.

Keywords: Racism. Musical art. Memory and History.

Introdução

Como mulher negra tenho me colocado numa posição de refletir sobre quem sou no contexto brasileiro. Território de vasta extensão de terra, de belezas naturais incontáveis, onde a luz e a energia do sol me levam a ver um horizonte de possibilidades para (re)repensar, (re)criar, (re)encontrar (re)escutar, (re)ver o que já fiz e ainda faço, mas com outra percepção quando fico diante de diferentes leituras e discussões, no movimento concomitante de ver o que se passa no meu entorno. Outras lentes me levam a andar por onde já estive.

Assim, um retorno aos bancos escolares dos estudos realizados no percurso da Educação Básica, para fazer uma espécie de comparação com o estudo da história do Brasil, pode ser visto por dois vieses que se complementam como um gesto poético. Aqui, refiro-me e traço um paralelo entre o que traz Gaston Bachelard acerca da imagem poética e as pequenas lembranças que não precisam de descrições extensas: “[...] para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma; numa imagem poética a alma acusa a presença”¹.

Um dos vieses, então, é o lado saudoso por recordar momentos felizes da infância e da adolescência – brincadeiras na hora do recreio, jogos, piqueniques, passeios, gincanas – um tempo de aventuras, imaginação, sonhos, projeções de como seria o futuro tendo em vista os estudos e projetos profissionais. Na outra perspectiva, e já me vendo na dimensão do campo acadêmico, a volta àquele tempo se constitui em uma (re)visão e (re)lembração do que, de fato, foi-me ensinado acerca da história brasileira. Ou melhor, o que foi dado a conhecer sobre ela. Os interesses e porquês de ser de tal maneira narrada, reiterada e legitimada. Esses dois retratos, hoje, possibilitam-me construir uma problemática para pensar a trajetória de negras e negros no contexto brasileiro.

Não se trata de apagar ou rejeitar tais lembranças, mas de torná-las objeto da possibilidade de construção de uma narrativa própria a partir de um outro lugar. Minha infância e minha adolescência sempre estiveram muito imbricadas. Brinquei muito. Inclusive na escola. É uma boa lembrança. Talvez o que me deixe um tanto calada é relembrar fatos que, daí sim, entrelaçam os dois vieses. Acontecimentos que, de certa forma, estão implícitos na história da população negra brasileira, construída por meio de uma narrativa que a inferioriza(va), sempre de modo convincente, necessário e urgente, mas que eu não percebia, muito menos entendia por que era assim. Hoje, arrisco dizer que não entendia, porque estava diante de uma história única, ou melhor, do perigo de apenas uma narrativa ser contada². A de pessoas brancas. Como criança e adolescente, para mim, era, por exemplo, a história de meninas brancas, a de suas bonecas loiras que levavam para brincar na escola. Eu queria também ser a menina

¹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 187.

² ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

branca e ter boneca loira, pois não conhecia e nem mesmo sabia que, como negra, teria uma história diferente, e que poderia ter uma boneca da minha cor.

Nessa perspectiva de relembrar fatos de meus idos tempos escolares, a minha infância e minha adolescência, e agora adulta a debruçar-me sobre como vivi/vivo como negra, o artigo aborda o tema da negritude e sua problematização pelo viés da arte musical como forma de (re)pensar o ontem e de entender-me no lugar onde me encontro agora. Para isso, apresenta a análise de uma música cuja letra deixa explícitos elementos da realidade em que vive a maioria da população negra brasileira, mais especificamente, a questão relacionada ao direito à educação e à cidadania.

Percurso teórico: narrativas não contadas

Um país que se viu diante de circunstâncias arranjadas por homens brancos cujo interesse era construir e acumular riquezas e que, para isso, se serviram do trabalho forçado de uma população retirada violentamente de seu espaço humano, cultural, político, econômico e religioso, por esses mesmos senhores, não podia se entender como um território que abraçaria ideais liberais discutidos e praticados em países europeus no final do século XIX³, pois não tinha a pretensão de se desservir da mão-de-obra escravizada. Essa situação – discurso liberal X trabalho escravizado – mostrava-se paradoxal e indicava “o limite que a escravatura opunha à racionalização produtiva”⁴. Que fazer diante disso?

Abrir mão do trabalho de escravizados, abolir a escravidão e reestruturar ganhos econômicos entre outros aspectos, não era concebível para a pequena parcela da sociedade acostumada a privilégios à custa do trabalho escravizado de negras e negros. É o que pode ser entendido, entre diversos aspectos, a partir do movimento de institucionalização efetivado no início da República em 1889, pautado “[...] pela exclusão social de largos setores sociais, sempre em nome de uma política que priorizasse uma nova modernidade e racionalidade”⁵. Orientado também pela

³ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

⁴ SCHWARZ, 1992, p. 3.

⁵ SCHAWARCZ, Lilia. *A Abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 36.

exclusão de grupos sociais, entre os quais a população negra, da organização social que vinha sendo projetada.

Em se tratando desse modelo orgânico da sociedade, arquitetado nos primórdios republicanos até os dias atuais, no que diz respeito à trajetória de pessoas negras no Brasil, a exclusão sofrida por esse grupo social ainda ressoa e se mostra pendular, em cujo movimento veem-se marcas e nuances de avanços e retrocessos. Essa caracterização pode se tornar uma forma de seguir a história, a que não foi contada, pois a que foi trazida à tona foi sempre elaborada a partir do ponto de vista do colonizador. Em que dimensão da sociedade foram colocadas negras e negros para que o Brasil pudesse ser visto como um território pacífico, onde “há poucos minutos” aqui corria sangue por todos os lados? Como foi possível pensar uma estratégia que pudesse apagar o sistema perverso de exclusão das populações negras, construído sistematicamente, com o intuito de edificar um país?

No Brasil, a conhecida democracia racial que, “de tanto misturar cores e costumes”⁶, levou essa mestiçagem a constituir “uma espécie de representação nacional”⁷, até hoje não deixa de ser uma expressão figurativa, fachada de um quadro pictórico que convida a adentrar no tempo quando olho ao meu entorno. Que escravidão chegou ao fim? A idealização teórica e a prática sempre andaram e andam lado a lado, mas não se visualiza a junção de ambas. Quando muito, caminham em paralelo. Percebe-se uma distância entre tempo e espaço, o que foi pensado um dia pode ser realizado em outro, e a ação do agora poderá tornar-se reflexão do amanhã.

Ao pensar no cenário que descreve Schwarcz⁸ em relação ao que foi o início do século XX, é impossível imaginar que a congregação racial que havia sido idealizada fosse vista na prática. A mão-de-obra que até então foi importante para a construção de riquezas, passa a ser relegada, colocada à margem e substituída por imigrantes europeus. Quando o século XX começou a despontar, mudanças profundas ocorreram no perfil da população brasileira. Com o fim da escravidão, em 1888, a desorganização do sistema e a urgente substituição da mão de obra por conta

⁶ SCHAWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 14.

⁷ SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 14.

⁸ SCHWARCZ, 2012.

da demanda cafeeira, uma série de esforços foram realizados para animar a vinda de imigrantes, sobretudo europeus, ao Brasil⁹.

Havia uma mão-de-obra no Brasil que poderia ter sido aproveitada para a demanda cafeeira, qual seja, o contingente de negras e negros recém “libertados” do sistema escravocrata. Os esforços realizados para incentivar a vinda de imigrantes europeus para trabalhar nesse setor agrícola foi um indício da construção planejada e estruturada do que seria o conjunto da exclusão étnico-racial persistente ainda hoje no território brasileiro. Nesse sentido, entende-se por que foi designado à população negra um espaço e uma condição social onde deveriam morar e tentar sobreviver. Um lugar periférico, sem infraestrutura nem trabalho. Condições “dignas” de partir para o radicalismo em busca da sobrevivência.

Schwarcz ¹⁰ deixa evidente que esse plano estratégico para receber imigrantes europeus era a forma de impossibilitar a inclusão de negras/os na esfera do trabalho livre, com direito a construir cidadania, visto o cenário que despontava – o fim da escravidão. O que é perceptível com isso e, conseqüentemente, o que significou o planejamento desse quadro social foi a prevalência da visão de um grupo de privilegiados acerca do que implicaria a liberdade da mão-de-obra escravizada. Como dividir riquezas e conviver lado a lado com aquelas pessoas que até então eram tidas como não humanas e que tinham sido retiradas à força de seus territórios de origem, para serem condicionadas a trabalhar para senhores brancos? Como eles poderiam adquirir bens?

A essa ação política arquitetada no início da República, encontra-se intrínseco o racismo institucional. Voltado à forma como instituições operaram em seu sistema organizacional, o racismo institucional, diferentemente de uma concepção individualista¹¹ – a que gira em torno de atitudes e comportamentos individuais – aborda “o resultado do funcionamento das instituições que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça”¹².

⁹ SCHWARCZ, 2012, p. 36.

¹⁰ SCHWARCZ, 2012.

¹¹ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.

¹² ALMEIDA, 2021, p. 37-38.

Esse racismo ramificado está presente na dinâmica organizacional da sociedade em práticas tanto sutis como evidenciáveis. Seja de uma forma ou de outra, é possível entendê-lo como argumento na discussão acerca da precária condição de sobrevivência da maior parte do povo negro. Nem uma nem outra dessas práticas estão dissociadas de ações construídas pelo grupo privilegiado, constituído especialmente por homens brancos, com o intuito de manter os privilégios elaborados por eles e para si próprios.

A ausência de negras e negros em setores estratégicos da sociedade, como de decisão política, econômica e jurídica, pode ser entendida de diversas maneiras quando trazida para o âmbito da discussão da luta pela igualdade racial, em se tratando, por exemplo, de conquistar um lugar de trabalho, de posicionamento profissional. Discurso recorrente quanto a isso é o de que há pessoas que não se esforçam para alcançar determinados objetivos, não batalham, desistem, se não no primeiro obstáculo, nos seguintes. Para saber se esse discurso condiz ou não com a realidade do contexto brasileiro, seria necessário um processo investigativo que possibilitasse mostrar elementos comprobatórios dessa visão, no sentido de tomar distância do senso comum e adotar critérios que fundamentem tal olhar, principalmente no que tange a questões históricas, políticas, econômicas. Posicionar-se na linha do senso comum é o que denomino fazer uso de palavras-balões, que muito em breve desaparecem depois de soltas no ar, mas deixam rastro dessa curta existência, geralmente danoso.

À população negra, palavras-balões no que se refere a conquistar um trabalho, posicionar-se profissionalmente e, conseqüentemente, adquirir benesses a partir disso, vêm carregadas de um obscurantismo histórico. A começar pelas ideias de cientificidade que foram inventadas com base em características biológicas e ambientais como forma de privilegiar uma raça em detrimento de outra¹³. Nesse caso, comparavam-se pessoas de pele branca às de pele não-branca, e estas, por viverem em locais cujo clima é tropical, apresentariam “comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência”¹⁴.

¹³ ALMEIDA, 2021.

¹⁴ ALMEIDA, 2021, p. 29.

O que esse desconhecimento oculta, ou melhor, o que foi escondido da histórica trajetória do povo negro é o que, também, impossibilita/dificulta debates sobre questões referentes ao povo negro brasileiro, pois

Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos, não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento.¹⁵

A negros e negras não foi permitido acesso a uma vida digna, com moradia, educação, saúde, trabalho. Além de serem postos à margem de centros urbanos, jogados à própria sorte, iniciou-se uma construção estereotipada de imagens depreciativas acerca desse grupo social para legitimá-lo como inferior, incapaz, perigoso. Não é à toa a existência de vários escritos que reforçaram a consolidação e a reafirmação dessas imagens. Para este artigo trago dois exemplos que comprovam a orquestração científica elaborada com o intuito de convencer sobre a inferioridade da etnia negra no século XIX e que até hoje perdura. As exemplificações estão no artigo “Origens do racismo estrutural”¹⁶, que versa sobre a publicação de Pereira Barreto no Jornal “A Província de São Paulo”, do ano de 1880, o qual descrevia a população negra pela via científica. Barreto dizia que essas pessoas apresentavam anatomicamente menor massa cerebral, o que designava sua inferioridade. Juremir Silva também comenta a tese do analista Domingos José Nogueira, aprovada “com louvor” pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, de que “[...] o Brasil deveria escolher uma raça melhor para almejar um futuro material, moral e intelectual”¹⁷.

As duas “ilustrações” poderiam ser seguidas de tantas outras, mas já se mostram suficientes para a reflexão acerca do que constituem as profundas marcas do racismo estrutural no Brasil, que segrega negras e negros nos mais distintos setores da sociedade. Tais constatações se mostram não somente por meio de caracterizações físicas e intelectuais, mas também pelos desdobramentos de ações instauradas com o mito da igualdade racial no que tange às condições de ganho

¹⁵ ALMEIDA, 2021, p. 56.

¹⁶ SILVA, Juremir Machado da. Origens do racismo estrutural. *Correio do Povo*: Caderno de Sábado, 28 nov. 2020. p. 3.

¹⁷ SILVA, 2020, p. 3.

econômico e de reconhecimento social do negro como construto em que se misturam a dissimulação e o romantismo de que no Brasil não há segregação racial, mas sim boa convivência entre as diversas etnias que constituem a nação.

Como exemplo de uma realidade oposta, o sociólogo Florestan Fernandes revela, em um de seus estudos, por volta dos anos 1960, que a extrema desigualdade racial no Estado de São Paulo, estendeu-se a outros da federação nacional. Assim, “o que se conhecia sobre a universalização do trabalho escravo e do padrão básico de relação assimétrica fazia presumir que a concentração 'racial' da renda, do prestígio social e do poder constituía um fenômeno generalizado”¹⁸.

Em outras palavras, negros e mulatos só podiam aparecer para representar uma suposta idealização pacífica racial. Já para a partilha de bens econômicos e sociais, sua aparição era proibida. Essa dissimulação está na base de uma estrutura que tenta engessar não apenas o pensamento, como a própria possibilidade de mulheres e homens negros se organizarem para discutir o cenário em que foram colocados. Conhecer como se deu esse enraizamento empenhado em fazer com que a população negra não pudesse ascender social, econômica e culturalmente é a forma de desconstruí-lo, e ao mesmo tempo, de edificar e fortalecer o lugar a partir das epistemologias, ontologias, cosmologias, culturas, identidades e memórias das pessoas negras.

Nessa perspectiva, a arte tem se mostrado como uma dimensão de possibilidade de falas, expressão de palavras, imagens, sonoridades, dramaticidades que revelam outro modo de manifestar sentimentos e a ausência de vozes, de narrativas de grupos minoritários, entre eles a população negra que resiste em meio a constantes lutas. Lutas que sempre existiram, transformaram-se em movimentos sociais, avançam em discussões políticas e abrem caminhos de maior compreensão da importância de um amplo debate para que haja o fomento de políticas públicas que venham ao encontro das reivindicações de minorias grupais. Se hoje é possível a escrita deste artigo, é porque outrora já houve tomada de consciência das desigualdades raciais e sociais e, com ousadia, muitas pessoas enfrentaram a altura e a espessura de uma parede forte, cimentada, cinzenta, sem aberturas e com

¹⁸ FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972. p. 9.

obstáculos que se mostravam mais profundos à medida que se aproximavam para fazer travessia e sair em busca de dignidade.

Para muitos que não vivenciam na pele todos os dias como é ser negra e negro no Brasil, a parede é ora um painel colorido, que traz a diversidade cultural e religiosa; a igualdade de raças e de gênero; a oportunidade paritária em relação a ter trabalho, renda, saúde, educação, lazer, ora a necessidade tão somente da parede em si, como barreira, limite, condição que impossibilita conhecer e reivindicar o que é de direito à vida humana, a vida de pretas e pretos brasileiros, visto que há um grupo social assentado sobre privilégios dos quais, não abrir mão, não medindo esforços em servir-se do poder que tomou para si. Aliás, tomado há muito tempo e perceptível, por exemplo, na instauração de setores administrativos no primeiro ano de D. João no Brasil, quando a intenção era trazer para a colônia o modelo de gestão que vigorava em Portugal. Consistia na criação de órgãos que, de certa forma, controlavam a dinâmica desenvolvimentista da sociedade – “segurança e polícia, justiça, fazenda e área militar”¹⁹. Ou seja, a parede (in)transponível, para ser transformada e deslocada no sentido estrutural, precisa ser revelada, chegar ao público de muitas maneiras. Para isso, são necessários diferentes gritos, múltiplas vozes, (in)visíveis movimentos, e continuamente.

Ao refletir sobre os inícios do modelo colonialista em que o território brasileiro teve sua constituição estrutural, e perceber/compreender o papel da arte como contraponto a tal organicidade, Machado de Assis é uma das referências expressivas que continua a contribuir para se pensar o que é esta sociedade, quem são seus sujeitos, como se relacionam, o que significa pertencer a um lugar, como e quem constrói direitos e deveres, a quem podem pertencer os bens gerados na coletividade.

Muitos de seus contos trazem o cenário de uma sociedade enraizada na cultura de agradar quem se encontra ou se coloca em um determinado lugar social e, a partir disso, “viver” de glórias, fazendo disso “a verdade” e, criando um imaginário – conjunto de imagens criadas e suas relações que percorrem o pensamento humano²⁰ – que passa a ser a sustentação de um não-lugar que dá a sensação de existência

¹⁹ SCHAWARCZ, Lilia. *Crise colonial e independência: 1808-1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

²⁰ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

por meio de elementos criados para a representatividade de algo. No conto “O espelho”, encontra-se um exemplo elucidativo da construção imaginária de um poder representativo, poder que, na verdade, dissimula e elimina a dignidade humana, porque se assenta sobre o que se encontra na ordem do concreto, do palpável, do que é externo. Poder efêmero. Assim, para sentir sua existência, o protagonista precisa vestir o traje de alferes da guarda.

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos; [...] o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha a menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior.²¹

Machado de Assis fez da literatura a forma de arte para falar da sociedade em que vivia e propor pensar sobre quais vozes sociais não eram escutadas nem compreendidas. Pode parecer que a escolha de palavras, o cotidiano, o protagonismo de suas personagens e as circunstâncias que compõem seus contos e romances destoam do contexto contemporâneo, distanciando leitoras e leitores de uma realidade distinta daquele em que o autor vivia. O que, no entanto, as narrativas propõem, e penso ser este um problema a ser enfrentado, é a premente necessidade de acompanhar o que se passa nos entornos da sociedade. Quer sejam ideias, fatos e ações que dizem respeito ao que se mostra como um bem coletivo, como são construídos, quem discute, quem dele usufrui; seja voltar-se para a construção de uma história de sujeitos com diferentes histórias.

A análise que segue, nesse sentido, pauta-se na arte, como fez Machado de Assis, para tratar de questões acerca da sociedade brasileira. Neste caso, a arte da linguagem musical, com a finalidade, especificamente, de refletir sobre a problemática do racismo estrutural até hoje não resolvida no Brasil, mas que, trazida à tona, pode colaborar na efetivação de mudanças.

Cota não é esmola: experiências de cotidiano negro

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola!

²¹ ASSIS, Machado de. O espelho. *In: Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II. p. 345-352. p. 352.

Experimenta nascer preto na favela pra você ver!
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito
A gente sabe como termina, quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais
Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão
E já que tá cansada quer carona no busão
Mas como é preta e pobre, o motorista grita: não!
E essa é só a primeira porta que se fecha
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
Chega na escola, outro portão se fecha
Você demorou, não vai entrar na aula de história
Espera, senta aí, já dá 1 hora
Espera mais um pouco e entra na segunda aula
E vê se não atrasa de novo! A diretora fala
Chega na sala, agora o sono vai batendo
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
Se a passagem é 3,80 e você tem 3 na mão
Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'
E os amigos que riem dela todo dia
Riêm mais e a humilham mais, o que você faria?
Ela cansou da humilhação e não quer mais escola
E no Natal ela chorou, porque não ganhou uma bola
O tempo foi passando e ela foi crescendo
Agora lá na rua ela é a preta do suvaco fedorento
Que alisa o cabelo pra se sentir aceita
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita
Agora ela cresceu, quer muito estudar
Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular
E a boca seca, seca, nem um cuspe
Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP
Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola
Que todos são iguais e que cota é esmola
Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade
Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
 Cê vai ver como são diferentes as oportunidades
 E nem venha me dizer que isso é vitimismo
 Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!
 E nem venha me dizer que isso é vitimi...
 Que isso é vitimismo ôhh
 São nações escravizadas
 E culturas assassinadas
 É a voz que ecoa do tambor
 Chega junto, venha cá
 Você também pode lutar, ei!
 E aprender a respeitar
 Porque o povo preto veio para revolucionar
 Não deixe calar a nossa voz não!
 Revolução
 Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai
 E é peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!
 É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
 Vamo pro canto onde o relógio para
 E no silêncio o coração dispara
 Vamos reinar igual Zumbi, Dandara
 Odara, Odara
 Vamo pro canto onde o relógio para
 No silêncio o coração... dispara
 Odara, Odara, ei!
 Experimenta nascer preto e pobre na comunidade
 Você vai ver como são diferentes as oportunidades
 E nem venha me dizer que isso é vitimismo
 Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu ra-cis-mo!
 Existe muita coisa que não te disseram na escola!
 Cota não é esmola!
 Cota não é esmola! Cota não é esmola!
 Eu disse: Cota não é esmola!²²

A música da compositora e cantora brasileira Bia Ferreira, *Cota não é esmola*, lançada em 2018, revela aspectos das desigualdades sociais que atingem

²² BIA FERREIRA. *Cota não é esmola*. Sofar Curitiba, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>. Acesso em: 7 dez. 2020.

historicamente negras e negros brasileiros e suas lutas. Lutas que são combatidas porque tratam das estruturas em que se percebe a manutenção de grupos privilegiados na sociedade brasileira. A artista usa de seu talento poético-musical para narrar a difícil e incompreendida realidade de pessoas negras que, em sua maioria, continuam a formar a parcela de humanos que foram/são obrigados a morar à margem, na periferia, e criar este e neste lugar toda espécie de estratégia para sobreviver.

Os versos – alguns na ordem da composição e outros aleatórios – foram assim escolhidos para que a análise contemplasse um raciocínio sobre o todo da música. Além disso, são os que me propuseram refletir por duas razões: uma, por meu lugar de mulher negra, musicista e educadora musical que tem a arte como uma das expressões da sua visão de mundo; a outra, por eu pertencer à população negra historicamente excluída de direitos à moradia, à educação e ao trabalho em espaços de liderança e poder, principais condições de dignidade humana solapadas de negras e negros mesmo com a abolição da escravatura. Essa exclusão que ficou explícita na Constituição de 1824, pois embora se “definisse como iguais a todos os homens livres, incluídos aí os libertos, na prática os descendentes de escravos foram sistematicamente excluídos das benesses do Estado”²³.

A letra da música como um todo constitui o que chamaria de “abertura de uma aula de história para a educação básica”.

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola!
Experimenta nascer preto na favela pra ver!
O que rola com preto e pobre não aparece na TV.
Opressão, humilhação, preconceito.²⁴

A letra expõe uma das dificuldades para que haja entendimento da importância do projeto de cotas para a população negra. Aponta para a história a ser contada ao mesmo tempo que deixa transparecer que há outra(s) que precisa(m) ser

²³ SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 325.

²⁴ BIA FERREIRA, 2018.

conhecida(s). Em seguida, informa de qual história se trata e por que não entra em discussão quando afirma que *cota não é esmola*.

Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
 Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais
 Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé
 Não tem dinheiro pro busão
 Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão
 E já tá cansada quer carona no busão
 Mas como é preta e pobre, o motorista grita: não!
 E essa é só a primeira porta que se fecha.²⁵

O cotidiano de uma criança negra mostra a vida de grande parte da população preta, principalmente, as meninas, o que se estende para a adolescência e na vida adulta: o trabalho doméstico que vira profissão. O cansaço de um turno diário, a falta de dinheiro para se deslocar até a escola e, obriga a andar a pé porque preta e pobre, não tem carona, “não!”²⁶, grita o motorista. Além disso, a escolha entre pagar a passagem do ônibus e comprar o pão; o portão da escola fechado, por sua culpa, claro, pois chegou atrasada; fica no lado de fora, e ainda é repreendida pela diretora: “Vê se não se atrasa de novo”²⁷. Por fim, entra na sala de aula, mas seu pensamento não se dissocia da circunstância diária, pois a sobrevivência está sempre em jogo, e a aprendizagem que rola naquele momento a faz lembrar-se de como garantir o alimento. “E os amigos que riem dela todo dia; Riem mais e humilham mais, o que você faria?”²⁸

O riso e a humilhação sugerem o não debate, a não presença de outras histórias na história brasileira. Por que o cansaço? Por que vem o sono? O que significa a não sintonia com o que se passava na sala de aula? Desiste de frequentar a escola, mas dia vai, dia vem e “Agora lá na rua ela é a preta do sovaco fedorento; Que alisa o cabelo pra se sentir aceita; Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita; Agora ela cresceu, quer muito estudar”²⁹. A vontade de pertencer a uma outra

²⁵ BIA FERREIRA, 2018.

²⁶ BIA FERREIRA, 2018.

²⁷ BIA FERREIRA, 2018.

²⁸ BIA FERREIRA, 2018.

²⁹ BIA FERREIRA, 2018.

realidade, diferente e melhor, e de ser aceita a leva a repensar, pois surgiu uma oportunidade, uma política reparatória que permite o acesso, o retorno ao estudo.

E a boca seca, seca, nem um cuspe
 Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP
 Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola
 Que todos são iguais e que cota é esmola
 Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade
 Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade
 Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
 Cê vai ver como são diferentes as oportunidades.³⁰

É pautada nesses versos a dificuldade que negras e negros ainda têm para acessarem o ensino superior. Trata-se de uma impossibilidade já imposta quando da abolição da escravatura. Sim, estavam livres, porém não poderiam estudar, ter moradia, nem trabalho. Desde então a desigualdade impera. Como competir em condições desiguais? De que forma esse grupo social poderia rebater o discurso orquestrado de que são seres inferiores, irracionais, preguiçosos? Por isso, adquirir conhecimento é abrir caminhos que permitem perceber como discursos, ideias, comportamentos e histórias podem ser construídas e desconstruídas, e entender como foram arquitetadas em relação à população negra.

Dizer que “todos são iguais” e “cota é esmola” tem o objetivo de constranger; é dizer às pessoas negras que ter não é pedir, pedir esmola; é disputar de igual para igual; mas, sobretudo, é querer esconder a construção de uma história (in)visível. A invisibilidade é o silenciamento de vozes, de narrativas não permitidas; é ocultar a forma violenta como negros e negras foram arrancados de seu espaço e jogados em outro, para desumanizá-los e torná-los servis, construtores de riqueza das quais não podem usufruir. Já o visível dessa história é a ínfima ou quase ausência de negras e negros, por exemplo, na academia, na política, em instituições bancárias, na magistratura, na maior parte de todos os tribunais regionais e no federal, na imprensa ou mesmo ocupando cargos de liderança.

³⁰ BIA FERREIRA, 2018.

Se há legitimação de um discurso estrategicamente elaborado, somado ao panorama desta realidade (in)visível em diferentes setores da sociedade brasileira – frases que crianças negras escutam desde cedo como desestímulo – “Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP; Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola”³¹ – não constituem vitimismo, pois “Experimenta nascer preto, pobre na comunidade, Cê vai ver como são diferentes as oportunidades”³².

Por que “nem venha me dizer que isso é vitimismo; não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!”³³? Porque “são nações escravizadas; e culturas assassinadas; é a voz que ecoa do tambor”³⁴, e isso não pode ser dito, não pode fazer parte do conjunto de conhecimentos curriculares, uma vez que pode levar à compreensão de que *cota não é esmola*, mas um sistema que permite equilíbrio social para disputar e conquistar espaços na academia e os que se estendem para fora dela. Importa discutir conhecimentos curriculares que tratam dessa equiparação, mas, sobretudo, discutir sobre como podem transformar-se em ações concretas.

É nessa perspectiva que entendo o convite a quem permite um mergulho por outras páginas da história brasileira, quando o eu-lírico expressa o termo revolução, cantora, assim como muitas pretas e pretos – e aí me incluo – já assimilou parte do muito a ser desvendado dessa perversa situação em que a população negra foi jogada, de luta e resistência para (sobre)viver cotidianamente.

Chega junto, venha cá; você também pode lutar, ei
 E aprender a respeitar; porque o povo preto veio para revolucionar;
 Não deixe calar a nossa voz
 [...] É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
 Vamo pro canto onde o relógio para
 E no silêncio o coração dispara
 Vamos reinar igual Zumbi, Dandara
 Odara, Odara.
 [...] Existe muita coisa que não te disseram na escola! Cota não é esmola!³⁵

³¹ BIA FERREIRA, 2018.

³² BIA FERREIRA, 2018.

³³ BIA FERREIRA, 2018.

³⁴ BIA FERREIRA, 2018.

³⁵ BIA FERREIRA, 2018.

Considerações finais

A arte é uma revolução. Bia Ferreira faz dela tempo e espaço para dizer que o povo preto veio para revolucionar. Ela reúne seu talento, seu conhecimento, sua capacidade artística e, sobretudo, a realidade de um povo, cujo destino era ficar no esquecimento, para dizer não! O povo preto e sua riqueza cultural nunca deixaram de existir e de resistir. As palavras de sua composição propõem um diálogo com quem quer entender o lugar que foi/é reservado à população negra no Brasil. “E nem venha me dizer que isso é vitimismo, não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo”³⁶.

A música *Cota não é esmola* reafirma as constantes lutas desse povo que, embora ainda sofra as injustiças e perversidades em função das amarras construídas teórica e praticamente para que ficasse acorrentado, resiste porque tem epistemologia, cosmologia, ontologia, espiritualidade. A revolução é tomar conhecimento da própria história, da sua potência, perceber o que a ameaça, saber quais vozes levantam o grito para impedir que seja re(conhecida) a cultura africana e afro-brasileira e por que assim o fazem.

Os caminhos que constroem a sociedade não perdem os traços que os delinearam. As histórias não contadas se encontram em meio ao percurso, aquele que parece ter sido permitido para que somente uma narrativa existisse. E que esta fosse relatada unicamente por um grupo de pessoas, um lado da história.

A música de Bia Ferreira mostra que os caminhos pelos quais se fazem uma sociedade podem ser refeitos e vistos por outro ângulo. E que é possível encontrar traços forçados ao apagamento, conhecer outras verdades e realidades, pisar onde se dizia não existir traçado. É isso que permite perceber brechas e potencializa a “revolução”. Penso que a compositora encontrou uma brecha: a combinação entre política pública e a força da arte, da sua arte. Eis o recado!

Referências

³⁶ BIA FERREIRA, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.

ASSIS, Machado de. O espelho. *In: Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II. p. 345-352.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BIA FERREIRA. *Cota não é esmola*. Sofar Curitiba, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>. Acesso em: 7 dez. 2020.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.

SCHAWARCZ, Lilia. *Crise colonial e independência: 1808-1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SCHAWARCZ, Lilia. *A Abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SCHAWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SILVA, Juremir Machado da. Origens do racismo estrutural. *Correio do Povo*: Caderno de Sábado, 28 nov. 2020.